



***Ponto de Vista***  
***Point of View***

**AUTA DE SOUZA E DEVANEIOS COM O FOGO: O SAGRADO COM  
O PROFANO**

*AUTA DE SOUZA AND FANTASIES WITH FIRE: THE SACRED WITH THE PROFANE*

Francesca Katiuscia de Albuquerque Vasconcelos<sup>1</sup>

O todo sem a parte não é todo;  
A parte sem o todo não é parte;  
Mas se a parte a faz todo, sendo parte,  
Não se diga que é parte, sendo o todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,  
E todo assiste inteiro em qualquer parte,  
E feito em partes todo em toda a parte,  
Em qualquer parte sempre fica todo.

O braço de Jesus não seja parte,  
Pois que feito Jesus em partes todo,  
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,  
Um braço que lhe acharam, sendo parte,  
Nos diz as partes todas deste todo.  
Guerra (2010, p. 326).

---

<sup>1</sup> Bacharela em Direito. Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho. Especialista em Direito Processual Civil. Membro da Internacional dos Fóruns (IF) e do Fórum do Campo Lacaniano Rede Diagonal do Brasil (FCLRDB). Em Formação como Psicanalista. Mestranda em Ciências Sociais e Humanas. Pesquisadora nas áreas da Sociologia, Antropologia Social e Psicanálise. Servidora Pública Federal do Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região. E-mail: [pesq.francescavasconcelos@gmail.com](mailto:pesq.francescavasconcelos@gmail.com).

Já no meu primeiro contato com o livro *Horto* de Auta de Souza<sup>2</sup>, fiquei completamente atravessada pelos temas abordados. Seus poemas abordam temas como morte, perda, dor, pesar, homossexualidade, desejo, paixão e imagens referentes ao que se considera como Sagrado. Também percebi pinceladas de preconceito racial.

Sua poesia fez-me lembrar de três poetas, que gosto muito. Augusto dos Anjos (1884-1914), poeta Paraibano; Fernando Pessoa (1888 - 1935), poeta Português; e Edgar Allan Poe (1809-1849), poeta Americano. Segundo Gomes (2009), na Introdução do livro “Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas”, constante nas referências deste trabalho, há controvérsias em relação ao pertencimento literário de Auta de Souza, entre o romantismo e o simbolismo.

Na leitura de sua obra, uma questão em especial me tocou: observei que a poetisa aborda em um mesmo poema temas que, em uma leitura apressada e superficial, possam parecer contraditórios; por exemplo, paixão e desejo, que são tidos como *profanos*, em harmonia com temas que nos remetem à espiritualidade e à religiosidade, que são considerados *sagrados*.

Confesso que observar isso não me causou qualquer estranheza, muito pelo contrário, compartilho do posicionamento de que esses temas são partes de um todo, aliás, é o que defenderei neste trabalho. Inclusive, já havia percebido neste modo de escrita, temas relacionados ao Sagrado e Profano sendo abordados, de forma conjunta e harmônica, em dois outros escritores-poetas: a freira mística, Santa Tereza D’Ávila<sup>3</sup> e o místico persa, Farid ud-Din Attar<sup>4</sup>.

Registro que por esse trabalho apresentar características de um ensaio, não tenho a pretensão de esgotar os temas e questões levantados. Neste ensaio, refletiremos sobre a abordagem de forma conjunta e harmônica de temas referentes à paixão, desejo e sexualidade, que são tidos em nossa sociedade como temas profanos, e temas que envolvem espiritualidade e religiosidade, considerados sagrados, em poesias de Auta de Souza.

Com este objetivo, através de um recorte na obra *Horto* de Auta de Souza, escolhemos quatro poemas da poetisa, os quais serão comentados sob as luzes dos teóricos Bachelard, Mircea Eliade e Jean Shinoda Bolen. Outros dois autores também foram consultados e detidamente estudados; embora não estejam citados nos comentários das referidas poesias com certeza influenciaram a escrita, são: Clarissa Pinkola Estes e Sigmund Freud. Por fim, também faremos uma interlocução entre esses poemas de Auta de Souza e a transverberação de Santa Tereza D’Ávila e o conto Sufi, *A História das Mariposas*.

Nestes quatro poemas, logo mais transcritos, Auta de Souza explora, ao mesmo tempo, temas como paixão e desejo, considerados Profanos, e também temas que nos remetem ao Sagrado.

---

<sup>2</sup> Auta de Souza (1876 - 1901) nasceu em Macaíba - RN. Seu único livro foi intitulado *Horto*.

<sup>3</sup> Santa Teresa de Ávila - ou Santa Teresa de Jesus - (1515-1582), nasceu em Ávila. O mais importante de seus escritos é o *Livro da Vida*, sua autobiografia até os 52 anos. Também escreveu *Caminho da perfeição*, para educar suas próprias monjas, o *Livro das fundações*, relato elevado do estabelecimento de seus conventos, e *O castelo interior*.

<sup>4</sup> Poeta Persa do século XII, Farid ud-Din Attar, estima-se que nasceu em 1120, perto de Nishapur, no Noroeste da Pérsia, um dos maiores sufis de todos os tempos. Durante quase quarenta anos viajou por muitos países, estudando em mosteiros e colecionando os escritos de sufis devotos, juntamente com lendas e histórias (*A Conferência dos Pássaros*, 1988, p. 3).

Isto, a princípio, pode causar estranheza, mas vos convido a seguir a leitura deste ensaio até o fim; na pior das hipóteses, ao concluir a leitura, você poderá descobrir que, no mínimo, é paciente e tolerante, características importantes e tão ausentes em nossa sociedade atualmente.

Passemos ao ato.

Pobre Flor!

Deu-me um dia uma antiga companheira  
Do tempinho feliz de adolescente;  
E os meus lábios roçaram docemente  
Pelas folhas da nívea feiticeira.

Como se apaga uma ilusão primeira,  
Um sonho estremeado e resplendente,  
Eu beijei-lhe a corola, rescendente  
Inda mais que a da flor da laranjeira.

E como amava o seu formoso brilho!  
Tinha-lhe quase essa afeição sagrada  
Da jovem mãe ao seu primeiro filho.

Dei-lhe no seio uma pousada franca...  
Mas, aí! Depressa ela murchou, coitada!  
Doce e mísera flor, cheirosa e branca!

Auta de Souza (2009, p. 119).

Neste poema “Pobre Flor!”, a poetisa traz os termos *apaga, resplendente, rescendente e brilho*, que nos remetem à imagem do Fogo, e que em uma leitura sistemática com as seguintes passagens “E os meus lábios roçaram docemente Pelas folhas da nívea feiticeira” e “E como amava o seu formoso brilho!”, produzem a ideia de paixão e desejo, o que aparentemente poderia contrastar com o trecho “Tinha-lhe quase essa afeição sagrada Da jovem mãe ao seu primeiro filho.”, que nos transporta ao pensamento do “sagrado” amor materno.

Essa mesma percepção ocorre no poema “Zirma”:

Zirma

Foi em dezembro, no mês bendito,  
No mês de festa, que ela partiu...  
Desde esse tempo, do seu seio aflito  
Minha’alma louca, também fugiu.

E foi tão grande minha agonia  
Que quase morro de soluçar,  
Quando beijei-a na boca fria  
Como uma concha que sai do Mar!

Passava a noite... (lembro-me tanto!)  
Noite de lua, misteriosa...  
Choravam astros no etéreo manto...  
Meu Deus, que noite silenciosa!

A lua mansa no Céu vagava,  
Como um barquinho n'água do rio,  
E parecia que murmurava:  
“No Céu formoso faz tanto frio!”

No esquite azúleo, feito a capricho,  
Por entre rosas de alvura tanta,  
Deitaram Zirna como no nicho  
Guarda-se a imagem de alguma Santa.

O rosto branco da cor de gelo  
Um doce lírio trazia à mente...  
Na noite escura de seu cabelo,  
Nem um só astro resplandecente!

Ninguém diria que estava morto  
O lábio aberto por um sorriso,  
Na terra triste - que desconforto!  
Quanta alegria - no Paraíso!

Qual uma virgem, pura e singela,  
Que deixa o mundo para ser freira,  
Toda de branco, tinha a capela  
Feita de flores de laranjeira.

Por sobre o manto, formoso e leve,  
Muito estrelado, de azul cetim,  
Das mãos pequenas da cor da neve  
Pendia o terço cor de marfim.

Subiu-se aos olhos, em douro assomo,  
O amargo pranto do coração,  
Vendo-a tão linda, vestida como  
Nossa Senhora da Conceição.

Os olhos negros eram dois círios  
Que se extinguíram no pé do altar...  
Aqueles olhos, meus dois martírios,  
Que contemplava sem soluçar!

Ó pobre Zirna, nívea açucena,  
Camélia branca murchada na haste:  
Por que fugiste da vida amena?  
Por que tão cedo me abandonaste?

Eu precisava de teu carinho  
Como do orvalho precisa a flor,  
E embalde busco no meu caminho  
O amparo doce de teu amor.

Auta de Souza (2009, p. 124).

Os termos *resplandecente* e *círios* trazem a ideia do Fogo, em uma interpretação conjunta com as passagens “Quando beijei-a na boca fria”, “Aqueles olhos, meus dois martírios, Que contemplava sem soluçar!”, “Por que tão cedo me abandonaste?” e “E embalde busco no meu caminho O amparo doce de teu amor.”, e nos envolve com a ideia

de paixão e desejo que, seguidos das passagens “Deitaram Zirna como no nicho Guarda-se a imagem de alguma Santa.”, “Qual uma virgem, pura e singela, Que deixa o mundo para ser freira.”, “Das mãos pequenas da cor da neve Pendia o terço cor de marfim.”, “Vendo-a tão linda, vestida como Nossa Senhora da Conceição.”, nos induzem ao pensamento do sagrado.

Também, neste próximo poema “A Júlia”, não é diferente.

A Júlia

No teu olhar cheio de luz chorosa  
Que envolve o Espaço quando a tarde expira,  
Bóia uma doce mágoa lacrimosa,  
Uma saudade indefinida gira.

E quando afirmes que não tem começo  
A dor sem fim que no teu seio existe  
Queres assim, eu muito bem conheço,  
Fazer-me crer que já nasceste triste.

E falas a sorrir: “Essa dolente  
Tristeza amarga que me empana o olhar  
É a vaga chorando eternamente  
Por não poder se separar do mar...”

E se te fito a umedecida boca  
E vejo rubro o lábio que sorri,  
Logo pergunto, num cismar de louca,  
À mente e ao coração, se és tu quem ri.

Pois é tão mansa a chama destes olhos  
Envoltos na carícia do sorriso,  
Que eu penso que teus cílios são abrolhos,  
abrolhos rodeando um paraíso...

Auta de Souza (2009, p. 231).

Neste poema, os termos *luz* e *chama destes olhos* tratam da imagem do Fogo, interpretados em conjunto com as passagens “Uma saudade indefinida gira.”, “É a vaga chorando eternamente Por não poder se separar do mar...”, e “E se te fito a umedecida boca E vejo rubro o lábio que sorri, Logo pergunto, num cismar de louca, À mente e ao coração, se és tu quem ri”, que dão a ideia de paixão, de desejo, e se complementam com a questão do sagrado no trecho “Que eu penso que teus cílios são abrolhos, abrolhos rodeando um paraíso...”.

Pois bem. Apontamos que nestas poesias há reincidência de termos que envolvem a imagem do Fogo, e que em conjunto com outros trechos dos poemas, nos remete a ideia de paixão, de desejo, e que ao lado disto a poetisa trata de imagens que nos remetem ao Sagrado. Agora, tentemos compreendê-los melhor.

A imagem do Fogo tem muitos significados, não por acaso é a imagem que nos acompanha desde o início dos tempos, através dos mitos, lendas, contos de fadas, entre outros. O Fogo permeia toda a história da humanidade. Sobre ele Bachelard aponta:

O fogo é, assim, um fenômeno privilegiado capaz de explicar tudo. Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas das substâncias e se oferece com um amor. Torna a descer à matéria e se oculta, latente, contido como o ódio e a vingança. Dentre todos os fenômenos é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. Ele brilha no Paraíso, abrasa no inferno. É doçura e tortura. (...) É um deus tutelar e terrível, bom e mau. Pode contradizer-se, por isso é um dos princípios de explicação universal. (Bachelard, 1994, p. 11).

O Fogo traz a simbologia do calor da paixão, do ímpeto do desejo, da dualidade, da luz, da transcendência, da espiritualidade, da transformação, da sublimação, une os polos, dá a fusão e dá a unidade. É um tema recorrente na literatura que trata de assuntos ligados à sexualidade, os chamados assuntos Profanos, e também aos ligados à espiritualidade, chamados de Sagrados.

No que concerne ao conceito de Sagrado e de Profano, na visão de Eliade (1992), eles são inter-relacionais, ou seja, somente na relação entre eles podemos compreendê-los. Eliade (1992, p. 12) diz “O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”. Eliade (1992) acrescenta que:

Ora, a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. (...) O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. (...) Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (1992, p. 13).

Para Eliade (1992), o profano, que é a característica das sociedades ditas modernas, é um processo de dessacralização das experiências vitais, tais como: a sexualidade, a alimentação, entre outros. Assim ele dispõe:

Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (que impõe, por exemplo, certas regras para “comer convenientemente” ou que interdiz um comportamento sexual que a moral social reprova). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, um “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado. O leitor não tardará a dar-se conta de que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem. (Eliade, 1992, p. 14).

Disto pode-se entender que, nem toda época, nem para todas as sociedades (cultura) essas funções vitais eram tidas como Profanas, anteriormente estas experiências vitais eram tidas como Sagradas. Eles, experiências vitais e o Sagrado, não estavam desvinculados, ou seja, a sexualidade, a alimentação, entre outros, eram face da mesma moeda em que o sagrado era retratado. Eram partes de um todo. Mais uma vez citamos Eliade (1992):

Em outras religiões, a criação cósmica, ou pelo menos sua realização, é o resultado de uma hierogamia entre o Deus Céu e a Terra Mãe. Este mito cosmogônico, bastante difundido, é encontrado sobretudo na Oceania da Indonésia à Micronésia –, mas também na Ásia, na África e nas duas Américas. Ora, como vimos, o mito cosmogônico é o mito exemplar por excelência: serve de modelo ao comportamento dos homens. É por isso que o casamento humano é considerado uma imitação da hierogamia cósmica. “Eu sou o Céu”, proclama o marido na Brhadânyaka Upanishad (VI, 4, 20), “tu és a Terra!” Já no Atharva Veda (XIV, 2, 71) o marido e a mulher são assimilados ao Céu e à Terra. Dido celebra seu casamento com Enéias no meio de uma violenta tempestade (Eneida, IV, 16 ss.); a união deles coincide com a dos elementos; o Céu abraça sua esposa distribuindo a chuva fertilizante. Na Grécia, os ritos matrimoniais imitavam o exemplo de Zeus unindo-se secretamente com Hera (Pausânias, II, 36, 2). Como era de esperar, o mito divino é o modelo exemplar da união humana. Mas há um outro aspecto importante: a estrutura cósmica do ritual conjugal e do comportamento sexual dos seres humanos. Para o homem não religioso das sociedades modernas, é difícil apreender essa dimensão cósmica e ao mesmo tempo sagrada da união conjugal. Mas, como já dissemos várias vezes, não se pode esquecer que, para o homem religioso das sociedades arcaicas, o Mundo se apresenta carregado de mensagens. Por vezes, essas mensagens são cifradas, mas os mitos estão lá para ajudar o homem a decifrá-las. Conforme teremos ocasião de ver, a experiência humana, na sua totalidade, é suscetível de ser igualada à Vida cósmica e, conseqüentemente, de ser santificada, pois o Cosmos é a suprema criação dos deuses. (Eliade, 1992, p. 72).

Eliade (1992) aponta o Tantrismo na Índia, um outro exemplo, em que a união sexual é parte de um ritual, uma transfiguração da experiência carnal. Ainda, as sociedades Egípcia, Grega e Romana, por exemplo, que tanto influenciaram a nossa sociedade, trouxeram em sua religiosidade essa questão, sexualidade e Sagrado como complementares, ligadas uma ao outro.

Por exemplo, duas das deusas gregas, Héstita e Afrodite, simbolizavam ou simbolizam a sexualidade. Sendo a primeira, Héstita, representada pela chama viva, ligada ao Fogo Sagrado, Fogo da Lareira, deusa virgem e celibatária. A segunda, Afrodite representa a paixão, o desejo carnal e a sexualidade. No entanto, para a sociedade grega essas questões não estavam desvinculadas do Sagrado. Ambas são cultuadas como deusas, possuem templos, e rituais específicos, em suma, são Sagradas.

Bolen (1990), ao tratar dos tipos psíquicos de mulheres comparando aos tipos de deusas gregas, aponta que as virgens vestais<sup>5</sup> e as freiras possuem o padrão arquetípico de Héstita. Ela considera Afrodite, deusa do amor e da beleza, uma deusa alquímica, ante seu poder transformativo, e para isso cita que essa deusa transformou uma estátua em pessoa. Ela também afirma que Héstita, deusa da lareira, e Afrodite, deusa alquímica, à primeira vista podem parecer opostas, mas na realidade elas são semelhantes. Em suas próprias palavras, Bolen (1990, p. 178) “[...] Afrodite é, paradoxalmente, mais semelhante à anônima e introvertida Héstita - que aparentemente é a deusa mais dessemelhante de Afrodite.”

Bachelard (1988) ao tratar do fogo, alquimia e sexualidade diz: “[...] a alquimia era atravessada por um imenso devaneio sexual (...) esse devaneio sexual é um devaneio de lareira (...)” (1988, p. 77). Bolen e Bachelard defendem que o Sagrado, Fogo da Lareira, e o Profano, Sexualidade, estão interligados. Auta de Souza, em nossa sociedade,

<sup>5</sup> Sacerdotisas que cultuavam a deusa romana Vesta (Héstita para os Gregos).

não foi o primeiro, nem o último a trazer o tema de Sexualidade, do Sagrado e do Profano, como partes de um todo harmônico, como faces de uma mesma moeda. A mística Santa Tereza D'Ávila (2010), freira, relatando uma de suas experiências, chamada de transverberação de Santa Tereza D'Ávila, escreveu:

Eu vi em sua mão uma longa lança de ouro e, na ponta, o que parecia ser uma pequena chama. Ele parecia para mim estar lançando-a por vezes no meu coração e perfurando minhas entranhas; quando ele a puxava de volta, parecia levá-las junto também, deixando-me em chamas com o grande amor de Deus. A dor era tão grande que me fazia gemer; e, apesar de ser tão avassaladora a doçura desta dor excessiva, não conseguia desejar que ela acabasse. A alma está satisfeita agora, com nada menos que Deus. A dor não é corporal, mas espiritual; embora o corpo tenha sua parte nela. É uma carícia de amor tão doce que agora acontece entre a alma e Deus, eu oro a Deus por Sua bondade para fazê-lo experimentar naqueles que podem pensar que estou mentindo.<sup>6</sup>

A cena narrada pela mística simula um ato sexual, e a sensação descrita traduz o devaneio do gozo. A freira em sua narrativa harmoniza elementos tidos como Sagrados e Profanos, transfigurando o ato carnal a um ato místico, Sagrado. E conforme afirma Bachelard (1988, p. 34): “O devaneio sacraliza o seu objeto”.

Bolen (1990, p. 95) diz: “Por exemplo, a mística santa Teresa de Ávila, notável por seus arrebatadores escritos, combinava um aspecto de Afrodite com Héstia”. E como visto acima, Afrodite, deusa do amor e da beleza, deusa alquímica, é semelhante a Héstia, deusa virgem, representante do Fogo Sagrado, Fogo da Lareira. Ambas são complementares, caminham juntas. Desta maneira, podemos inferir que também para a mística o Sagrado e o Profano não são polos opostos, um não exclui o outro, eles se complementam; ambos estão interligados, são interdependentes.

Agora passemos ao quarto poema, “A Força do Destino” de Auta de Souza, que será comentado juntamente com um Conto sufi: A História das Mariposas.

#### A Força do Destino

Minha alma treme como a mariposa,  
Que se atira na chama, alucinada  
De cada vez que o meu olhar se poussa  
Nos olhos teus, ó criatura amada!

E em vez de sombra onde o olhar repousa,  
Buscar, fugindo do fogo que devora,  
Minha'alma louca como a mariposa,  
Se atira mais à chama que a enamora.

Auta de Souza (2009, p. 250).

---

<sup>6</sup> Santa Teresa D'Ávila (1515-1582) relatou em seus escritos (O Livro da Vida), no capítulo 29, ítem 13, uma de suas experiências místicas, a qual é chamado na Igreja como “transverberação”, que é a experiência mística de ser transpassado no coração causando uma grande ferida.

A História das Mariposas:

Certa noite, as mariposas se reuniram, atormentadas pelo desejo de se juntarem à vela. Disseram:

“Precisamos mandar alguém à procura de informações sobre o objeto de nossa busca amorosa.”

Em vista disso, uma delas partiu. Chegou a um castelo e, dentro dele, viu a luz de uma vela. Regressou e relatou, segundo sua compreensão, tudo o que vira. Mas, no entender da sábia mariposa que presidia a reunião, ela não percebera coisa alguma da vela. Nessas condições, outra mariposa seguiu caminho ao castelo. Tocou a chama com a ponta das asas, mas o calor a fez recuar. Como o seu relatório não fosse mais satisfatório que o da primeira, a terceira mariposa partiu. Esta, bêbada de amor, atirou-se à chama; envolveu-a com as patas dianteiras e uniu-se alegremente a ela. Abraçou-a toda e seu corpo ficou vermelho como o fogo. A mariposa sábia, que observava a cena de longe, ao ver que a chama e a mariposa pareciam uma só, disse:

“Ela aprendeu o que desejava saber; mas só ela compreende, e nada mais se pode dizer.” (Attar, 1988, p. 189).

No poema de Auta de Souza e no conto Sufi percebe-se que a Chama, o Fogo, simbolizando o objeto de desejo, é fundido com os outros elementos, anteriormente individualizados, com a Alma e com a Mariposa, através de um ritual que se assemelha ao ato sexual. No poema, os seguintes versos nos instiga essa ideia: “Minha alma treme como a mariposa”, alucinada, “Minha’alma louca como a mariposa, Se atira mais à chama que a enamora.”; no conto Sufi: “Esta, bêbada de amor, atirou-se à chama; envolveu-a com as patas dianteiras e uniu-se alegremente a ela. Abraçou-a toda e seu corpo ficou vermelho como o fogo”.

Bachelard (1988), sobre as pulsões de uma alma diante de um braseiro, Complexo de Empedócles, cita:

A Foscarina D'Anunzio, abrasada pelas chamas íntimas de um amor desesperado, deseja a consumação da fogueira ao contemplar fascinada a fornalha do vidreiro<sup>2</sup>: “Desaparecer, ser engolida, não deixar vestígio!, urrava o coração da mulher, ébrio de destruição. Num segundo, esse fogo poderia devorar-me como a um sarmento, como a um argueiro de palha. E ela se aproximava das bocas abertas por onde se viam as chamas fluidas, mais resplandecentes que o meio-dia de verão, enrolarem-se nos potes de terra nos quais fundia, ainda informe, o mineral que os operários, postados ao redor, atrás do guarda-fogo, tocavam com uma haste de ferro para modelá-lo como o sopro de seus lábios (1988, p. 30).

Diante do objeto de seus desejos mais íntimos, o ser anseia impetuosamente pela fusão entre si e o objeto, anseia tornar-se um. Entretanto, isso traz a dúvida, o tormento, derivado do fato de deixar de ser o que ele entende ser si mesmo e transformar-se em algo, que não se sabe o que seja, fusão de si com o objeto.

Assim, Bachelard (1989) refletindo sobre essa dualidade:

O fato de a borboleta vir a queimar suas asas na chama sem que se tenha o cuidado de apagá-la antes que isso aconteça é uma falta cósmica que não revolta nossa sensibilidade. Entretanto, que símbolo formidável é este de um ser que vem queimar as asas! Queimar seus adornos, queimar seu ser, uma alma sonhadora não parou de meditar sobre isso. Quando a Paulina (...) se vê

tão bela antes de seu primeiro baile, quando quer ser pura como uma religiosa e, ao mesmo tempo, tentar todos os homens, é a morte de uma borboleta na chama que ela evoca. (...) (1989, p. 55).

O processo de fusão necessariamente se dá através da morte do conhecido, no caso seres individualizados e independentes, e o surgimento do que virá com essa fusão. Bolen (1990) aponta o que entende como o significado da relação sexual:

A relação sexual é sinônimo de comunicação e comunhão; consumação pode falar de um ímpeto em direção à inteireza ou perfeição; união é associar-se como um, e conhecer é compreender realmente um ao outro. O desejo de conhecer e de ser conhecido é o que gera Afrodite. Se esse desejo conduz à intimidade física, a impregnação e a nova vida podem se fazer. Se a união for também de mente, coração ou espírito, o novo crescimento ocorre em esferas psicológicas, emocionais ou espirituais (1990, p. 178/179).

Assim, o simbolismo de um ritual de entrega a consumação pelo Fogo, união do objeto de desejo aos objetos tidos até então como individualizados, Alma e Mariposa, traz a morte do velho e o nascimento do novo, sendo essa a tradução de uma relação sexual, a qual pode se dar em uma ou em diversas esferas; tais como, a esfera física, a psicológica, a emocional e a espiritual.

Encaminhamo-nos para a conclusão, o desfecho, como dito anteriormente, sem esgotamento das questões levantadas, mas com o desejo de suscitarmos questões que queimem como uma chama ardente em nosso interior.

O devaneio com a imagem do Fogo nos remete a uma dualidade, entre algo que é familiar, como diz Bachelard (1994, p. 120): “(...) O fogo é um mistério e ao mesmo tempo é familiar! ‘Ele escapa a todo momento aos esforços de nosso espírito, embora esteja no interior de nós mesmos’”; e algo que nos é estranho, um mistério, que nos traz angústia e horror, sendo assim traduzido por Freud (2020a, p. 33): “Quero logo anunciar que ambos os caminhos conduzem, de fato, a um mesmo resultado, o de que o infamiliar é uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo”. O devaneio com a imagem do Fogo nos remete ao que é “Profano” em comunhão com o que é “Sagrado” que vive em (e fora) de nós.

Iniciamos este trabalho com uma poesia do Gregório de Matos Guerra<sup>7</sup>, *Achando-se um braço perdido do Menino Deus de N. S. das Maravilhas, que desacataram infiéis na Sé da Bahia*, em que ela aborda a parte e o todo, e relaciona a existência de um no outro, a existência de um pelo outro, a interdependência de ambos:

O todo sem a parte não é todo;  
A parte sem o todo não é parte;  
Mas se a parte a faz todo, sendo parte,  
Não se diga que é parte, sendo o todo.  
Guerra (2010, p. 326).

Ao perceber a escrita de Auta de Souza, logo me lembrei desta poesia, que compreendo traduzir fielmente a questão levantada neste trabalho: o Sagrado e o Profano são partes de um todo, complementam-se, um contém o outro, um existe em

---

<sup>7</sup> Gregório de Matos Guerra (1636-1696), alcunhado de Boca do Inferno ou Boca de Brasa, baiano, advogado e poeta no Brasil Colônia, um dos maiores poetas barrocos em Portugal e no Brasil.

função do outro, ambos caminham lado a lado, dentro e fora, em cima e em baixo. São um.

Desta forma, podemos, ao final deste trabalho, inferir que apontar como antagônicos, opostos, diversos, o que é Sagrado e o que é Profano tem a ver com uma posição do sujeito, sua forma de sentir, pensar, ver e crer no mundo.

## **REFERENCIAS**

Attar, F. Ud-Din (1988). *A conferência dos Pássaros*. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Círculo do Livro.

Bachelard, G. (1988). *A Poética do Devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.

Bachelard, G (1989). *A Chama de uma Vela*. Tradução de Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bachelard, G. (1990). *Fragmentos de uma Poética do Fogo*. Tradução Norma Telles. São Paulo: brasiliense.

Bachelard, G (1994). *A Psicanálise do Fogo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.

Bolen, J. S. (1990). *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo : Paulus.

D'ávila, Santa Tereza (2010). *Livro da Vida*. Tradução Marcelo Musa Cavallari. São Paulo: Companhia das Letras.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.

Estes, C. P. (1994). *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco.

Freud, S. (2015). *O poeta e o fantasiar*. In: Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Freud, S. (2020). *Transitoriedade*. In: Arte, literatura e os artistas. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Freud, S. (2020a). *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Guerra, G. de M. (2010). *Poemas escolhidos*. Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras.

Souza, A. de. (2009). *Horto, outros poemas e ressonâncias: obras reunidas*. Organização Alvar Medeiros, Ana Laudelina Ferreira Gomes e Angelita Araújo. Natal, RN: EDUFRN - Editora da UFRN.

## **Cronologia do Processo Editorial**

*Editorial Process Chronology*

Recebido em: 20/04/2022

Aprovado em: 06/05/2022

Received in: April 20, 2022

Approved in: May 06, 2022